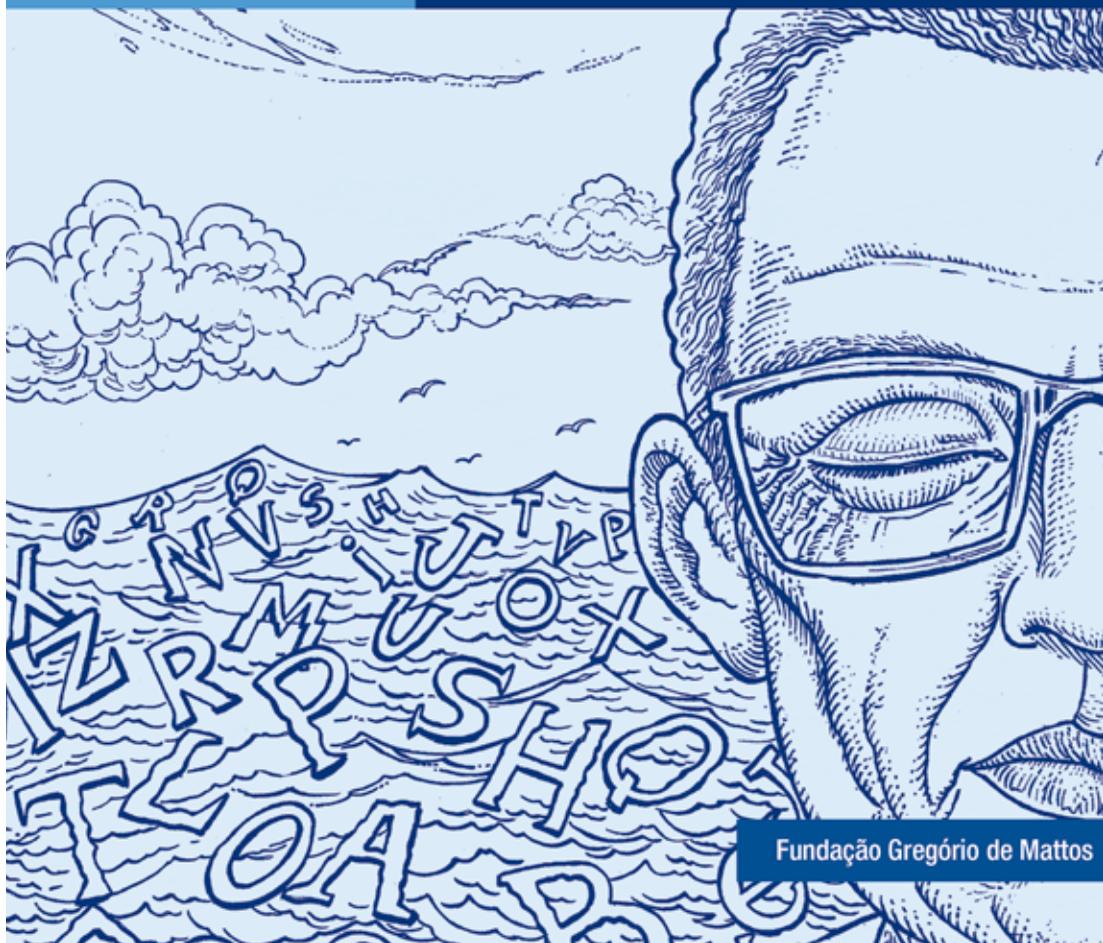


**JOÃO
UBALDO
RIBEIRO**
SELO LITERÁRIO



MAR INTERIOR

Renato de Oliveira Prata



Fundação Gregório de Mattos

Renato de Oliveira Prata

MAR INTERIOR

Fundação Gregório de Mattos

Salvador, 2015

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR

Prefeito da Cidade do Salvador

Antonio Carlos Peixoto de Magalhães Neto

Secretário de Cultura e Turismo

Érico Pina Mendonça Júnior

Presidente da Fundação Gregório de Mattos

Fernando Ferreira de Carvalho

Chefe de Gabinete

Sílvia Maria Russo de Oliveira

Assessora Chefe

Gildete Nascimento Ferreira

Assessora Jurídica

Thais Conceição de Santana

Gerente de Arquivo Histórico Municipal, Museus e Bibliotecas

Lucimar Oliveira Silva

Gerente de Promoção Cultural

Wilton Rafael Souza Magalhães

Gerente de Sítios Históricos

Milena Luisa da Silva Tavares

Gerente Administrativo-Financeiro

Ivã de Araújo Oliveira

Gestor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Éric Castro

COLEÇÃO SELO LITERÁRIO JOÃO UBALDO RIBEIRO

Coordenação

Lucimar Oliveira Silva

Plutarco Drummond Magalhães Neto

Claudius Portugal (consultor)

Produção

Lídia Santos Costa

Felisberto dos Santos Gomes

Comissão de Avaliação do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro

Aleilton Santana da Fonseca

Elísio Ferreira Lopes Júnior

Elidinei Maria Bonfim

Gerana Costa Damulakis

Iray Maria Galvão

Lídia Santos Costa

Lourdes de Fátima Santos Pinto

Luis Antônio Cajazeiras Ramos

Myriam de Castro Lima Fraga

Fazem parte do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano I as seguintes publicações:

Contos

A Devoção do Diabo - *Ordep José Trindade Serra*

Romance

Alzira Está Morta - *Goli Guerreiro*

Republicação

Canudos: A Luta - *José Guilherme da Cunha*

Crônicas

Crônicas Hipermodernas - *Mar Zalez*

Poesia

Mar Interior - *Renato de Oliveira Prata*

Literatura infantil

O Circo da Alegria - *Betania Paz Lisboa*

Prêmio Jovem autor inédito

O Sangue é Agreste: Os livros do sertão - *Ian Fraser*

Dramaturgia

Partiste - *Paulo Henrique Alcântara*

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP) Fundação Gregório de Mattos

G912 Prata, Renato de Oliveira Prata

Mar Interior / Renato de Oliveira Prata. Salvador :
Fundação ADM, 2015.

68 p.: il. - (Selo Literário João Ubaldo Ribeiro, Ano I)

ISBN: 978-85-88182-10-3

1. Literatura brasileira - Poesia I. Fundação Gregório
de Mattos II. Título

CDU: 82-1

**JOÃO
UBALDO
RIBEIRO**
SELO LITERÁRIO



MAR INTERIOR

Renato de Oliveira Prata

FGM Fundação
Gregório de Mattos

Secretaria de
Cultura e Turismo



Salvador, 2015

A Fundação Gregório de Mattos sente-se orgulhosa com o lançamento da Coleção Ano I do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro. A coletânea reflete o esforço da Prefeitura de Salvador, da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SECULT) e da Fundação Gregório de Mattos (FGM) para incentivar a cadeia produtiva do livro em toda sua extensão.

Aproximadamente uma centena de escritores e escritoras inscreveu suas obras no Edital do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro, que foram avaliadas por uma comissão de notáveis do setor da literatura baiana. A expressiva participação e o alto nível das obras inscritas comprovaram a demanda da área por um concurso de excelência literária em Salvador.

A intensa relação de João Ubaldo Ribeiro e sua obra com a cidade de Salvador, ao tempo em que reafirma a relevância universal de sua literatura, o credencia para denominar o Selo, cujos objetivos são fomentar e promover a leitura e a produção literária no âmbito do município. Eleito para a Cadeira 34 da Academia Brasileira de Letras, João Ubaldo, romancista, contista, cronista e roteirista de renome internacional, recebeu, entre outros, os prêmios Jabuti, em 1972, e Camões, em 2008. Suas obras são traduzidas para várias línguas e adaptadas para o cinema, o teatro e a televisão.

A publicação da Coleção do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano I é de suma importância para o desenvolvimento e consolidação do campo da literatura na capital baiana. Ademais, cumpre o disposto no Decreto Municipal 24.883 de 02 de abril de 2014, que instituiu o Selo, e dispõe que “incumbe ao poder público garantir a todos o acesso às fontes de cultura, apoiando e incentivando a produção, valorização e difusão das manifestações culturais”, consoante o que dispõe o art. 262 da Carta Orgânica Municipal e as diretrizes da Lei 8.551/2014, que instituiu o Sistema Municipal de Cultura.

A primeira coleção do Selo João Ubaldo Ribeiro conta com oito títulos de diversos gêneros literários. A FGM mais uma vez ratifica a sua missão de órgão gestor da política cultural do município e de instituição integrante do Plano Municipal do Livro, Leitura e Biblioteca (PMLLB).

Fernando Guerreiro
Presidente da Fundação Gregório de Mattos

Biblion

*Descerro as folhas de um volume
Com espátula de ferro
E a vida se refaz em aventura
Mas isso é adolescência...
Puramente feito de palavras
Comigo voam-se os livros
Viram-me, livro, pousar?
Retenho aquele que não escrevi
E confirmo o senso
De que livro sou (embora sem final)
E condensado em formato de bolso.
Hoje mesmo o analista alternativo
Interrogou-me as mãos
As linhas das palmas
Para leitura comparada.*

Na esquina da chuva

*Prisioneiros da chuva
Frontais e paralelos
Quase a brincar de estátuas*

*Ele – mendigo suposto
Da chuva rápido se abriga
Sob a concha do orelhão.*

*A trinta palmos dali
Colei-me a um portal
Já por falta de marquise.*

*Silhuetas apagadas,
Vultos da mesma espécie
Que fios de chuva interligam.*

*Distantes por um quarto de hora
Abriu-se o tempo e fomos
Para um silêncio maior.*

Uma reserva líquida

*Vamos guardar parte da chuva
Coadada na poça do tempo
Por veios subterrâneos.
Aguardarei neste piso
Antes de saltar o muro do século
E festejar como pássaro
Os pomos do outono.
Então, eu próprio e senhor,
Em tal estância propícia,
Talvez pela quinta estação,
Entornarei reservas de poesia
Quem sabe na escrita automática
Quem sabe em lírico ditado
Estrito ao gravador.*

Certificação do milagre

*Esse vento que senti na cara
Um tanto frio, não sei
Parece-me ser do mesmo
Que, em dias de minha infância
Me tocou o rosto e o braço
Numa gradação do frio.*

*Espanta reconhecer
A exata sensação que se repete
Em tempos já avançados.
E, se tudo não passa de brisa
Diria recordar esse talvez
Não obstante sem ênfase.*

*É que depoentes como eu
Os distraídos
Só atestam milagres com imagens
Pela câmera do celular
Ou por aquelas que vigiam a rua.*

O jardim de Sèvres

*O jardineiro não plantou a era
Das porcelanas que outrora
Floresceram lúcidas e quebradiças.*

*Dentro do paço
Onde termina o jardim
Sábios de hoje secretam
A ciência do ensino
Numa redução do mundo.*

*Ali na creche vizinha
Zinem crianças plurirraciais
Flores-abelhas*

*O jardineiro de costas para o rei-sol
Indiferente às lições do pavilhão
E aos fulgores do recreio contíguo
Não teve tempo de informar-se.*

*E, sem o fantasma da cortesã
Vai parindo sobre o canteiro do tempo
Somente as flores que ama.*

Inéditos

*Estes meus escritos
Originais, ortografados
Gastaram-me as digitais
E agora pedem impressão
A toque de urgência.
Este manuscrito
Que resume caligraficamente
Teor de uma vida
Agora leva-me outra
Para vir a lume.
Do meu próprio tempo
Restarei só dúvida
Digamos, certa impressão
Que, de momento
Afinal não subscrevo.*

O rosto do tempo

*Quando é o tempo que desfia
O poeta cismático
Mantém-se à flor d'água*

*Na formação do poema
Replica o risco comezinho
Quando outro é o mundo*

*Palmar no traço que aflora
O poeta não se fia
E vê no vizinho milênio
A sombra da mesma face*

*Às vezes num lapso
O tempo não muda.*

Navegação pelas ilhas

*Soprando um vento salso
Descalço neste convés
Ando ao pé da letra
Pelas marés da baía.*

*Se tenho os sons e o metro
Todo o orbe soletro
Desenho o delta do rio
E leio pássaro marinho*

*Não olho a carta náutica
Cego ao mar de espelhos
Sou – de que mais preciso?
Canoeiro da poesia.*

Recriação

*Surdamente nada se articula
Senão fluirmos nesse túnel
Em cujo centro obscuro
Táteis nos acharemos
Imitação de planta radicada
Ou resumo urgente das marés.*

*À margem do tempo seremos
No bojo dessa noite
Uma cópia do universo
Que se contrai e expande
E ao fim especularemos
Que de eternidade consome
O orgasmo das estrelas.*

Do risco e da pedra

*Não tenho teto de vidro
Nem eu sou doido de pedra
Mesmo que chova granizo
Este meu copo não quebra.*

*Cubos de frio eu afogo
E aviso que no Japão
Como hidreto de metano
Tem gelo pegando fogo.*

*Iara a beleza queda
No limo verde da pedra
Ara da beira do rio*

*Mas sob o cristal das telhas
Vê-se uma queda de estrelas
Lapidar o céu vazio.*

Máscara

*Tudo sugere a marcação no palco
E o cenário aguarda paciente
Sons e pantomimas
E tudo é a fria contagem
Quando a luz se antecipa
E figura arremesso de lâminas
Sobre a plateia giratória
Auras respiram no escuro
É a comédia antes da cortina.*

A reversão do milagre

*O real é por si um milagre
Mas olhinhos espertíssimos
Monitoram certos milagres.*

*Aos deuses da fortuna
Pedem direto fortuna
E eu temo pela sorte dos videntes.*

*Sempre dá a pensar
Que vencedores maníacos
Tardem ao resgate do prêmio.*

*Suponha seja você
O adivinho da loto
Andando a palmas do chão:*

*Pensaria fraudar a sorte
Em milhões picotados
Para chovermos confete?*

Se escalavras o vento

*Se escalavras o vento
À cata de palavras
Por tudo quanto lavras
A partir do momento
Não sei se vale a calma
Ou se tu levas a palma.*

*Mas da luta que travas
À escuta nas trevas
Sei que salvas a alma
Bem na última trova
Mesmo se lua nova
Mesmo que haja eclipse.*

*Rondas, guardando a noite
Do ladrão que tu és.*

Prospecção

*Este mar interior é só mistério
Golfado de algum dilúvio
Ou cataclisma pessoal
Talvez que oceano de vidro
Mostra da vida marinha
Em cuja volta se perdem turistas.
Quem sabe dique ou represa
No mais escuro silêncio
Sob a cobertura vegetal...
Se desço todavia ao leito
Por entre despojos e peixes cegos
Não sei dizer como sozinho
E tanto
Pude mesmo esquecer de mim.*

Últimas peças da criação

*Abriu-se-me de chofre
Tal um cofre sem porta
Mas secretamente vazio
De valores já conhecidos.
Captados pela TV
Ornam o oceano
Até ontem indevassado
Criaturas transparentes
Formas gelatinosas
Corpos luminescentes
Em queda no mais escuro do frio.
Uma combinação nova
Entre nós e outro código da vida.*

*Eis o abissal à superfície
Visível a olho nu
E então sabemos ainda menos
Inclusive de nós.*

Aves marinhas

*Afunda-se a noite líquida.
E nadam em semiclaridade
Sargaços, destroços
Naufrágios pelágios
Deixados pra trás.*

*Sombras sobre a onda
E o frio
Asa e algas se tocam
Alba-mar.
Alcatraz.*

*A calma voa de nós
Que pássaros somos
E passamos
Contando sóis.*

*Ave-mar.
Albatroz.*

Greve nas docas

*O cais nos repete a vida
Com acenos aos que chegam
Restando após a partida.*

*Outro dia fui ao píer
Que estava, porém, deserto
Sem mais navio acostado.*

*Velavam altos guindastes
Sobre vagão de silêncio
À parte de toda lida.*

*Ter o pátio esvaziado
Batido à luz da manhã
Vagamente nos oprime.*

*O mar por si não revida
A colapsos portuários.*

Inquérito

*Em meio à neblina
Navio de bandeira tal
Atingiu a ponte das balsas
Que nem operava, por sorte.*

*É a nota do jornal
E não sei o que disse o prático
Não li o teor dos laudos
E autos da capitania.*

*Entretanto sou eu este navio
Que se perde pela névoa
Que diz não ao reboque
E simplesmente colide.*

O poeta desce a bordo

*O vaso se faz ao largo
Um vento a bater na proa
Se este barco fizer água
Há de subir em vapor.*

*O bardo desce da nuvem
Com seu nevado cabelo
Não tem cabine ou passagem
E pela nave se perde.*

*O bardo despede o práctico
Cega delfins com neblina
A carga se lança ao mar*

*Em lastro vai-se o navio
Ao fim do verso naufraga
Seu trovador clandestino.*

Oceanário

*Não o barco de casco transparente
Nem a piscina natural e rasa
Menos o parque aquático
Com sua estrutura de ruídos.
Bastava um tanque de vidro
Ou silencioso e bastante aquário
Simples miniatura desse mar interior
Onde, a seco, possa atingir-me
Em surpresa de memória submersa.
Eis a metáfora, a mais próxima
Que me afunda o olhar
Errante e pesquisador
Ora insciente de meus limites
Nesse abismo cristalino.*

Manifesto não autorizado

*Poesia, se não rende, não se rende
Não sabe capitular
Afugentada das megalivrarias
Vai sujar com spray o paredão
Será grafite petulante
Letra das canções de rua
Arte de Facebook.*

*De minha parte quedei na resistência
E cada linha do texto
É uma linha de tiro
Lírico ou libertário
É um fio que desliga a morte.*

*Cada linha é o seu trem blindado
Vai ser animal de tiro
A carregar panfletos
Vai ser a Babi da Babilônia
Que explode ao primeiro abraço
E salva-nos.*

Guiar o vento

*Estava eu disposto ao desapego
De uma vida que se leva a termo
Os tiques já assimilados
Toque na porta de analista
Tudo menos, meio nada
Em vias de resolução
Estava eu exposto nesse ermo
Da sinaleira amarelo-pulsante
Que pela vida, simultaneamente
Multa, fotografa
Indulta e assalta
Se a velocidade está aquém.
Aí concluo que a vida, ao termo
Fora um puro-sangue:
Não se deixou amestrar
Ou segurar pela crina.*

A crina serve para guiar o vento.

O próximo embarque

*Sempre restará outra viagem
Depois de tantas que nos fez a vida.
Confira então a bagagem
Mínima – com o rol de medicamentos
E leve sem peso
As receitas prescritas.
Não esqueça os achaques
Estes que lhe darão sentido
À portátil farmácia.
As queixas, tal os males sem remédio
Bem fazem parte do portador
E podem mesmo orientá-lo
Quando a paisagem já confunde
E você se perde de si
Tendo largado no hotel o passaporte.*

Ninguém vai aplaudir o pôr do sol

*Não o leve tilintar da campã
Bem na sala de aula
Sendo eu restituído ao pátio.*

*Nem mais um verão inventado
A liberar chances para os moços
E férias com banhos de mar.*

*Não haverá oportunidade igual
E só vagamente me recordo
Porque sinais tonteiam a nuvem.*

*Como em verão doutro hemisfério
Dá-se um longo apagar do sol
Na fímbria entre o gozo e o corte.*

*Mas é fatal que algo se articula
Quando o relógio perdeu seu tempo
E não há futuro para vaticínios.*

Bailado

*Registro em qualquer diário
O que ontem se fez sonho
Quando rápido o rastilho
Entre o calor de teu lábio
E a minha própria explosão
Nada que vos leve dano
Nem ao plano do universo
Um voo análogo à dança
Um simples embate a dois
Que a natureza media
Para dar vitória a ambos
Contendores jubilados
No concurso desse baile.*

O beijo e a Glória

*Deixa-me o beijo da moça
Quanto de lábio e saliva
Natural gosto de boca
Meio salgado e macio*

*Carnal e morno esse beijo
Se breve já nem sacia
Roçando a curva do beijo
Com a passagem da língua*

*Não se diria um ósculo
A causar temor tão fundo
Ofuscamento e tesão*

*Óbulo – menos ainda
Quando é entrega do mundo
Desde esse abalo no chão.*

A caminho da praia selvagem

*Tarde assassinada em cores
E a ideia de um vagalume
Que riscasse a solidão
Com jasmineiros baldios
Volúpia do anoitecer
E sapos no vão do charco
A coaxar um desejo*

*Da noite as auras mornas
Arfam para os nossos vultos
E o areal que cede ao passo.
No esconso beira-mar
Convivem pelo abandono
Bafejos da arrebentação
Lúbrico sabor de espumas.*

A descoberta do mar

*Da primeira vez que vi o mar
Sendo criança de colo
Viajei no camarote
Entre cuidados e mamas.*

*Da segunda vez não me dei conta
Menino a reboque do tio
Mal chegados a Ilhéus
Justamente em veraneio.*

*À noite do mesmo dia
O que vi foi o blecaute
Cidade e mar apagados
Pois que era tempo de guerra*

*Quando raiou o silêncio
Já despedido do sono
Ouvi o mar respirar...*

*Manhã tão cedo de sol
Pulei a onda mais fria
Da vez que bebi o mar.*

Pequeno infinito

*O dia todo espreitou o mar
Querendo talvez entendê-lo
O mar contudo era o mar
Ocupado em sua grandeza
Ao emendar oceanos
Maior do que tudo na terra.*

*Mesmo à foz daquele rio
Veiazinha de água doce
Não era ele azul nem tão verde
Assim vagamente estanho
Cor de metal liquefeito
Adormecido em mormaço.*

*Eis que o mar mesmeriza
Sendo esboço do infinito*

Sob medida

*Em meio à manada
Sente-se a salvo
O indivíduo entre os seus
E até mais poderoso
Quando os passos ecoam
Atropelam
Espaços do chão.*

*O cansaço, porém, é desigual
E está sentado no horizonte
Próprio de cada um
E cada um só não se aparta
Propriamente de si.*

*Salvo o louco e o santo
Que de si mesmos se afastam
E pisam, entretanto
Andaimas do céu.*

Na fronteira

*No casulo da madrugada antiquíssima
E por muitas auroras já vividas
As vozes lá fora convidavam
Para o desfrute de oportunidade nova
E nem precisava distinguir palavras
Pois os timbres acumpliciavam.*

*Na fronteira desta manhã
Voz alguma reconheço
Ou me sugere um sentido.
As vozes a soar lá fora
Talvez não me digam respeito
Mas repetem para mim, repetem
Que sou, aqui, o estrangeiro.*

Vista para um quintal

*Vejo na vizinhança
Os fundos da casa fechada
A pleno sol.*

*E as lâmpadas ainda acesas
Sobre a escada vazia
A expõem para mim
Duplamente iluminada.*

*Na clara sugestão dos degraus
Supérfluos
Não há passos a dar
E eu tropeço no absurdo.*

Na embriaguez do tempo

*Por vezes sem corda
À falta de pilha
O tempo vacila.*

*Tem vez que ele bebe
Água de bilha
Tem vez que ele deve
Fugir ao bilhar.*

*Alguém me passou um dado
Fácil de apostar
O mais remoto passado
Só tem lugar no presente.*

Projeto espacial

*Não deixarei minhas impressões
Com dedos de silicone
Não me move a cadeira robótica
Capaz de subir escadas.*

*Não tomarei vosso tempo
Para gastar-me conscrito
Embalsamado no templo
Da cápsula de cristal.*

*Vou derramar as gavetas
Apenas expropriar-me
De minhas asas sem uso
No planetário apagado.*

Poema econômico

*Nem aparas nem a margem
Do papel reciclado
Não faço reserva alguma
Gasto-me incontinenti
Antes que deem comigo
Pré-textual ou simples borrão.*

*Há um bloqueio lá fora
Ou bem no meio do túnel
Por onde escapa a linha das ideias
E as certezas caem
Se esgarçam, em pleno arrastão.
Nem me rasure no espaço
O que rascunho é escasso
Vou pelo fio da agulha.*

Um avião de ponta-cabeça

*Não mais que um ventilador
De teto, um tanto gira
Cujo desenho aprecio
Antes que seu desempenho.*

*Ligo-o neste aposento
Onde o tempo seria ontem.
Com suas pás transparentes
Circula nos dois sentidos
E tem apenas um olho.*

*É um avião de cabeça para baixo
Do qual se percebe a hélice
Mas não o som e por isso
Roda em aflição
Antes de soltar fumaça
Antes de soltar as pás
Que nos degolam o sono.*

Reina a ordem no país

*A cal desnuda o muro
Aerossol cospe tinta
Que sentença nos pinta
A jato e sem pensar?*

*Giz se apaga na lousa
Quem a palavra ousa?
Ninguém há tão arisco
Que se arrisque a pensar.*

*Susto o pincel atômico
Tem um bedel canônico
Que nos vai detonar...
Toda palavra é risco.*

*Sobre o limo do pátio
As asas transparentes
De insetos mortos.*

Volta e meia

*Sem querer retificar o geral
Da vida que nem entendo
Sou que devo emendar-me
A partir desta aparência
Principalmente no ânimo
Com itens de higidez.*

*Por que, fora e aquém da magia
Me interno num spa helvetius
E saio reconfigurado
Já com distinta cabeça
Vale dizer vida nova (?)
Mas vida dupla não sei...*

*Não vou matar-me por outrem.
Dou meia volta e em tempo
No que estou me contento
Até o melhor do fim
Com o mesmo de mim.*

A arte invade as máquinas

*Deixar a câmara aberta
Não digo a porta do quarto
Mas a lente de filmar
Captando em rodeio
O que a vida nos dá.
Não rodes documentário
Acolhe o incidental
E na montagem inventa.
A imagem se desfoca
Porque cega o fotógrafo
E o diretor desabrocha
Em crises de criação
Ora é Maestro Fellini
Melhor, talvez Rossellini
Quero dizer Pasolini
E por que não Glauber Rocha?*

A lua na cabeça

*Guarde-se você de todo espanto
Que nada é real ou pacífico:
De real, nem a moeda sólida
Cambiável e flutuante
Para aumentar-nos as dívidas
De pacífico, jamais o Oceano
Ou qualquer mar que se saiba
Pois em dúvidas navegamos.*

*Guarde-se enfim de todo espanto
Que nada afeta a poesia
Mesmo quando desta sacada
À súbita ascensão da lua
Notei que você cabeceava
E alçou-se o pálido balão.*

Invenção

*Não sou de cavar tesouro
E logo perder a mão
Nas manobras de transpô-lo
À praia deste papel
Que é o verso do mapa
Da ilha dalgum pirata.
Eis o que sou a brincar
E o azul do mar exime
Se da cadeira de vime
Não vou lançar-me à baía
Com modos de alcatraz
Se tudo é mesmo poesia
Que tudo pede aliás.*

Atualização do medo

*O passado trazia a bomba
H de hora do medo.
Ora igualmente nos sonda
A promessa de um degelo
Que tudo vai submergir.*

*Do nada o terror nos ronda
Pois que ensaia explodir
Réplica suja da bomba
Já na vizinha estação
Antes que a onda nos lave.*

Extraído do caderno de turismo

*A pouca distância de Nápoles
Na encosta do Vesúvio
Resgata-se a vila Calpúrnia.
Tudo ali esteve sepultado
Por séculos
De vinte metros de lava.*

*Com a vila patrícia
Voltam à luz da Campânia
Estátuas, colunas
A biblioteca
E um tempo estático.*

*Dos papiros, linhas ressurretas
Em grega escritura:
No rol de poetas latinos
O nome de Virgílio.*

Terapia

*Alma, sandálias, poeira
Deixou-as do lado de fora
E viu-se a levitar na tenda
Acima da pele que forrava o catre.*

*E tudo que ficara a céu exposto
Mesmo o imortal cansaço
Curou-se pelo sol de um dia
Aos fios salutares da chuva.*

*O analista chamou-o do sono
Já em horário seguinte.
Belo sono difícil de ignorar
Naquele sofá sem repouso.*

Entre escolhas possíveis

*Você elege palavras
Quem vai saber a razão?
De escória nenhum resíduo
Mas entre pó e migalha
Apostarei em vestígio.*

*Opção tão pessoal
Nem soa mal aos ouvidos
Eis um saldo benfazejo
Licor durando na língua
Como de beijos há gostos
Que se despedem ainda.*

*Já não rejeito a saudade
Que indivíduo restarei
Liminarmente resquício
Entre o obívio e a falta.*

A casa da árvore

*A gaiola no tronco da jaqueira
Alçada em arame
Varetas e contas.*

*Bem alta e defendida
Aberta às luzes do tempo
Pode ser o teu pouso.*

*É um belo artefato
Acrescentado à paisagem
E fácil ao primeiro voo.*

*Mais perto do pomar e da represa
Apelo será de conforto
Ou talvez um alçapão.*

Planta de casa

*Queria um loft ou espaços
Cercados de plantas vivas
Queria ambiente asséptico
Sendo a pia de acrílico
Queria luz natural
De um céu removível
Queria ver a baía
Sentado em seu banheiro
Queria um piso de vidro
Suspenso sobre a piscina
E sete degraus melódicos
Para efeito surpresa
No verão viu-se translúcido
Ao inverno, corpo astral
E consta que evaporou.*

Mural

*As palavras articuladas em verso
Falam de mim sem travas
Melhor do que eu saberia
E assim no mural expostas
Aos leitores passantes
A cada um mimeticamente
Refletem mensagem própria
Figurando espelhos.*

*As palavras vazadas em poesia
E praticamente aladas
Transportam por si revelações
Às tintas do futuro.*

Resenhas ao vento

*Sinto que vou despertar
Na manhã desse futuro
E a vida me veio dar
Em veio de puro sonho.*

*Pedi resenhas ao vento
Nuances, mal as retive
Nós dois a passo tão lento
Suponho que invisíveis.*

*Tenho assim que sonho é vida
Feito ar que se respira
E não se pode guardar.*

*Eis que o sonho me dissipa
Uma vez exposto ao tempo
Sendo difícil lembrar.*

Lição paralela

*Por vezes sou tudo
Ou mudo desperto
Às vezes soletro
Gravei sua música.*

*Às vezes sem musa
Aguardo abstrato
Porque vale-tudo
Comigo é sonhar.*

*A par da lição de casa
Há um par de asas
Que estudo.*

Em rotação

*Está em vias de erguer-se
Eu vi na tevê
Um prédio giratório em Dubai
Não apenas o terraço lá em cima
Mas todo o edifício
Se torce inteiramente
A rodar sobre si.
E cada piso
A seu tempo
Vai deslocando a paisagem.
Melhor e extremo
Só no mar do oriente
Quando seus peixes voadores
Assim por natureza
Dão a volta numa ilha
Escamas de luz ao vento.*

Variantes

*Se havia liberdade
E ninguém a via
O teu transporte
Urbano, obliquamente
Caía no ramal
Via-Liberdade.*

*E se havia pedágio
Pesando ao longo do tempo
Pegavas o desvio.
Pagavas em desconforto
Entretanto confortado
Com a paisagem marginal.*

*Quem trilha a via do bonde
Mal sabe que esse horizonte
Outro horizonte esconde.*

Outras vozes

*O ex-bandoleiro urbano
Vai de metropolitano
Para a selva, para a relva
Dos conjuntos operários.*

*Decora a letra da banda
Que vai atacar na área
Se mandar bem e ele manda
Gritando sua balada.*

*Porque não andei às cegas
Porque não fiquei sórdido
Nem por isso fui piegas
Apenas perdi o código.*

*Dou voltas no labirinto
Onde não piso jacintos
Que se os vi não plantei
Me chamem de filho pródigo.*

Contato a olho nu

*Ninguém precisa alfabetizar-se duas vezes.
Para ganhar minha escrita
Vale saltar conectivos
E sobrevoá-la comigo
Pegando correntes de ar.*

*Vá ao espírito da coisa
Em sua viva leitura
Intuitiva e transferível
Com entonação ao gosto
Mas se encontre Você neste poema
Onde portas não há
Nem divisórias cartonadas.*

*Em comparação livre, é um meteorito
Ou seus pedaços de fogo
Caindo em campo aberto
Seguramente do espaço.*

Nome de fantasia

*Não quero do pachá o ócio
Seu empório de aromas
Ou entreposto d'armas
Não quero o ópio do pashá
O ódio, o óleo
Sequer o sangue profético
Nada me diz o haras do paxá
Tal como o harém
Que aliás não tem
Mas do espólio do bachá
Peço-lhe grafias do seu nome
Por um devaneio juvenil.*

Agito de carnaval

*No baile se tenta
Volteia e compete
Setenta vezes confete
Pierrot e Colombina*

*O baile se resume
A um céu de serpentina
A cigana com ciúme
Que boa sina terei?*

*E que valete, meu rei
Ébrio de azedume
Exilou na Argentina
Nosso lança-perfume?*

Noturno II

*Às sextas, anoitecendo
Pode-se até acordar
Que a bem-aventurança nos achou
E, se lá adiante
Contratempos voltarem
Hão de passar salvo-conduzidos.*

*Em noites de sexta-feira
Um abono de serenidade
Dá-nos conta do porto
Com sua aparência irreal...*

*Aí acreditamos em achados
Quando nada se perdera*

*Sexta-noite, lobisomem
Na armadilha de pistas e semáforos
Só tem olhos para a lua
Que o fere.*

Dobrar as asas

*Uma vez simples nativo
Entretanto singular
Pulava da pedra ao poço
Quase parando no ar*

*Armou-se de asa-delta
Ou arranjo similar
Haste de metal e plástico
Dos pulsos ao calcanhar*

*Quando então pôde voar
De pronto foi confinado
Em rochedo de alto-mar
Por causa do tráfego aéreo.*

Uma segunda impressão

*Em prateleiras de aço
Há claros e desfalques
Nas armações vazadas
Rasuras cegam o texto
Seis fascículos de pó
Polinizam o nada.*

*Me gastei por impressões
Ao descarte das letras
Outros eus, bem as erratas
Ao longo de mim rasgaram-se
Foi-se-me o texto integral
Completo caibo em excertos.*

*Dai-me, Senhor, o céu da estante envidraçada
A graça da obra em restauro
Página descosida
Pasta reciclável
Para a segunda impressão.*

Mar interior

*Demanda a enseada
Coorte de barcos revestidos
De maresia e betume
Ou de névoa ou cortiça.
Ora se dá o interstício
Ao viés de aves sublevadas
Sobre o marulho da noite.
Conflui para nós, paralelamente
Esse tempo líquido
E natural memória
De uma origem oceânica
E o mais que foi posto a pique
Em nosso mar interior.*

Projeto Gráfico
Fundação ADM

Capa e Ilustração
Augusto Mattos

Produção e Impressão Gráfica
Fundação ADM

CTP e Impressão Gráfica
Grasb

Formato 20 x 21

Tipologia das famílias Open Sans, A Massa Falida 1
Cartão Supremo 300g/m² capa - Alto alvura 90g/m² miolo - 68p.

Tiragem: 2000 exemplares

Ano: 2015